

CORPOS NAS TELAS GERANDO FORMAS DE VIDA

Iara Cerqueira Linhares de Albuquerque *

RESUMO: Este artigo propõe apresentar, enquanto registro/memória, o percurso de uma pesquisa em artes cênicas no ambiente acadêmico. A hipótese se desenvolve a partir da Teoria *Corpomídia*, apoia-se na filosofia da partilha do sensível, na metodologia indisciplinar, na bricolagem dos discursos e forma como nos tornamos “súditos” em uma sociedade que estimula a exposição. Entende-se que essa ação nos faz ser o que somos, a partir das “ressonâncias” diárias, e que é indissociável essa relação com os aspectos afetivos, políticos e sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Artes Cênicas. Dança. Mover-se. Teoria *Corpomídia*.

BODIES ON SCREENS GENERATING LIFE FORMS

ABSTRACT: This article proposes to present as a record/memory the path of research into performing arts in the academic environment. The hypothesis is developed from the Teoria *Corpomídia*, based on the philosophy of sharing the sensitive, on the interdisciplinary methodology and on the bricolage of discourses and how we become “subjects”. It is understood that this action makes us who we are, based on daily “resonances” and how inseparable this relationship is with affective, political and social aspects.

KEYWORDS: Performing Arts. Dance.. Movement. Teoria *Corpomídia*

* Doutorado em Comunicação e Semiótica (PUC-SP), Professora Titular no Departamento de Ciências Humanas e Letras (DCHL), Professora Permanente no Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens (PPGCEL), Professora Colaboradora no PPGDAN-UFRJ e Professora e Vice- Coordenadora na Especialização em Filosofia, Arte e Territorialidade (EFILARTE) – UESB, e-mail: iara.linhares@uesb.edu.br, Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1540-0405>.

Somos uma quantidade de afetos, significações e fluxos.

Vagamente pensava de muito longe e sem palavras o seguinte: já que sou, o jeito é ser. Os galos de que falai avisavam mais um repetido dia de cansaço. Cantavam o cansaço. E as galinhas, que faziam elas? Indagava-se a moça. Os galos pelo menos cantavam. Por falar em galinha, a moça às vezes comia num botequim um ovo duro. Mas a tia lhe ensinara que comer ovo fazia mal para o fígado. Sendo assim, obediente adoecia, sentindo dores do lado esquerdo oposto ao fígado (Lispector, 1998, p. 32).

O corpo nas suas especificidades, como produtor de imagens, de metáforas e de contaminações, dialoga com a enxurrada de informações diárias envolvidas nos processos corporais, sociomidiáticos, histórico-culturais e evolutivos. De partida, produzir conhecimento possibilita construir inflexões que proporcionam um estudo crítico não dicotômico entre teoria e prática, assim como fomenta possibilidades de ser/estar no atual contexto e pensar incoerências da vida, a partir de registros/memórias, sem deixar de olhar os tempos de agora. Considerando o corpo com um fluxo de imagens, a dança, por esse viés, pode ser entendida nesses tantos fluxos e como resultante dessas imagens já transformadas em corpo, pois no corpo é que se encontram subsídios para pensar redes de conexão com o ambiente, e não por relações de causa-efeito.

As pesquisadoras Katz e Greiner (2005) atestam o quanto existe de afetação recíproca e o quanto somos¹ influenciadores e influenciados nos ambientes nos quais estamos inseridos, por isso, propõem uma leitura crítica do papel do corpo na sociedade, para pensarmos artes cênicas, neste caso, a dança, enquanto área de conhecimento.

Atualizando, corpo e ambiente coexistem em trocas incessantes que têm o corpo como papel central, resultado desses cruzamentos, e operando como modelo de responsabilidade social, ou seja, como o mundo possa vir a ser. Afinal, para continuarmos existindo, acordos são necessários, da mesma forma que para dançarmos estabelecemos relações, produzindo novas possibilidades de movimentos, que inclui o modo de lidar com as questões de mundo, e neste caso, com as restrições que nos impedem de atuar livremente nos espaços comuns. Porém, percebe-se que essas estruturas atuais estão a cada instante conformando o corpo e nos fazendo agir e/ou reagir de um ou de outro modo na vida.

Pensando sobre esse tema, no qual determinadas pautas, sobre assuntos interessantes desaparecem como fumaça, privilegiando outros, como eco em nossos ouvidos, propormos uma leitura crítica do papel do corpo na sociedade, para pensarmos artes cênicas, neste caso, a dança, enquanto área de conhecimento, pois trata sobre práticas nas artes cênicas, aqui contextualizada no cotidiano dos corpos nas telas. Nesse sentido, processos de ensino e aprendizagem se estabelecem com compartilhamentos em um determinado espaço/tempo e com modos de organização em forma de acordos, que se situam

¹ Durante o decorrer do texto alternarei o uso da primeira pessoa do verbo no singular e no plural como uma apropriação do território de fala. A proposta foi desenvolvida via coletivo, atravessada por orientações pessoais, assim, faço o emprego na língua escrita dos pronomes pessoais “eu” e “nós”.

sob uma perspectiva complexa, reconfigurando-se continuamente, sendo assim, corpo coevoluindo com o ambiente, neste caso, o virtual.

O interesse aqui é uma atuação vinculada à relação teoria e prática, pois contextualiza sem pré-conceitos a reflexão do profissional nas artes em sua ação, como mola propulsora a novos questionamentos e como um espaço de moderação e flexibilização da própria atuação colaborativa enquanto artista/professora/pesquisadora em dança. A Teoria *Corpomídia* aqui partilhada garante e constitui um exemplo de continuação no exercício crítico e reflexivo a essa ação, em que fazer *no* corpo se encontra implicada no conhecer.

Se formos aproximar a realidade dos algoritmos que hoje nos fazem companhia diária, as trocas persistem em todas as relações e nos tornam prisioneiros e limitados, tal qual a desigualdade e a violência que nos assombra, frente ao que estamos convivendo e aumentando a cada dia. Sejamos coerentes nessa observação, pois parte das vidas que merecem viver e das que são condenadas a perecer retrata a atual precarização da educação, da cultura e da saúde, muito bem apresentada na discussão de Mbembe (2018) com o conceito de necropolítica, no qual algumas pessoas podem habitar a terra e outras não podem. No momento, o desafio se converte na manutenção de formas-de-vida com suas características vitais de existência, sem, contudo, compactuar com que vai se impondo com a política que vemos na sociedade de vigilância.

Qual importância de trazeremos esse tema agora? Precisamos lembrar para não esquecer, pois trata-se de uma proposta sobre os modos de atuar no ambiente virtual com estudantes do curso de Licenciatura em Dança e Teatro da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), iniciantes no curso e no componente curricular “Práticas do Corpo na Cena”, na época da crise sanitária.

O objetivo com esse trabalho artístico foi o de apresentar caminhos possíveis a partir do tema arte-vida-natureza em conjunto com todas essas transformações do dia a dia durante o confinamento, nos atualizando e gerando impactos na atualidade. Diante disso, começamos a investigar quais transformações foram ocorrendo de forma processual nos corpos desses discentes nesse período e, assim, tentamos materializar em movimentos/paisagens em camadas esses atravessamentos diários como registro artístico, num momento de muitas dores e que não pode ser esquecido, entendendo essas ações propostas como resistência e existência.

Para pensar sobre esse processo apoio na filosofia de Jaques Rancière, a qual já venho estudando há alguns anos em sua Partilha do Sensível (2005), que nos retorna ao pensamento comum compartilhado e nas práticas artísticas como “maneiras de fazer” que intervêm na distribuição e nas relações entre as maneiras de ser, inclusive nas formas visíveis dessa resultante. Essa filosofia, ganha ecos nos depoimentos iniciais dos discentes, no afastamento involuntário e no negacionismo fantasmagórico que nos assombra com notícias diárias. As maneiras de perceber e pensar essas questões definiram o que nós apresentamos hoje, refletindo a partir dessas estruturas nesses estados de confinamento, em diálogo à temática apresentada.

Arrazoando sobre isso, observei neste espaço que estamos ocupando, como possibilidade de não nos tornarmos redundantes e com isso ampliar esse campo de ação também afetivo, com trocas e uma escuta a um estado necessário de aprendizagem corporal. Ou seja, cabe, todavia, uma sinalização que tenho argumentado sempre - o acesso democrático às redes sociais pode também levar esses atores a se deslumbrarem com a rapidez momentânea em uma permissividade íntima de acesso nesse espaço social.

Proposta lançada, a opção metodológica se fez a partir do pensamento indisciplinar que Greiner (2005, p. 11) apresenta enquanto *mídia de si mesma*, e na “possibilidade de conectar tempos, linguagens, culturas e ambientes distintos”² e na bricolagem dos discursos que ouvimos, falamos, repostamos e que nos contaminam diariamente. Traremos nessa argumentação palavras-chave aliadas à alteridade como: insurgência e escuta. Sendo assim, romper com enquadramentos teóricos é potencialmente indisciplinar, já que a produção estética, ou resultados previstos, são dependentes de uma variedade de ações provocadas e desenvolvidas ao longo das práticas do semestre.

Sobre essa metodologia, Greiner (2005, p. 11) nos aproxima do atual contexto, “(...) sempre parecerá perturbadora a desestabilização de objetos de estudo, assim, como a falibilidade de suas respectivas teorias no mundo contemporâneo”. Quanto aos discursos, segundo Michel Foucault (2008, p.48) “é a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos, a propósito de tudo, (...)”, que compartilhados se tornam dispositivos de poder, conseqüentemente reverberam, proliferam-se e se fazem em ação, no corpo e nos vídeos produzidos durante essa pesquisa artística.

O que podemos fazer é estarmos atentos sobre essas vozes múltiplas que estimulam e podem vir a criar protagonistas detentores de um saber absoluto, ou se tornarem “súditos”, como cita Han (2020), de uma sociedade que nos convida a compartilhar opiniões e desejos de contar suas/nossas vidas. A metodologia não busca encontrar um caminho ou resultados impecáveis, o estímulo aqui é a produção de conhecimento e a busca a outros modos de existir nas telas, principalmente por partir de experiências com corpos diversos, em espaços de leitura partilhada, a partir de seus olhares, com tessituras de imagens e textos poéticos, fundamentais para os resultados gerados.

Convocando desejos de agir

Tais vazios não têm luz, mas chama (Bastos, 2020, p.17).

Durante o semestre foi apontada a necessidade de colaboração em conjunto sobre o tema que estávamos refletindo coletivamente, a urgência na contribuição com leituras e escritas a partir dos desdobramentos práticos experimentados na tela, para que esse processo ampliasse a produção intelectual

² Katz e Greiner (2005) apresentam esse entendimento de corpo, apostando na negação de pensamentos hegemônicos e nos dualismos corpo/mente e natureza/cultura, já enfatizados anteriormente.

e estética de forma conjunta, favorecendo e tornando esses corpos disponíveis para insurgirem com outras ações, interações e na produção final da mostra por vir.

As ações foram sendo criadas em partilhas diárias, pensando na escuta grupal e nas possibilidades pontuais de interação nesse ambiente virtual (o semestre em formato de Ensino Remoto Emergencial-ERE). Inicialmente foram disponibilizados videodocumentários com palestras de Ailton Krenak, estimulando questões ligadas à preservação da natureza, citada por ele como mãe de todos nós, além de outros autores que tecessem ligações com o tema. Seguimos buscando criar conexões entre os vídeos caseiros no cotidiano em nossas casas, a prática da plantação, escritas fluxos (escritas a partir das reflexões individuais), leituras de textos e livros sugeridos e a leitura de poesias com tessituras diferenciadas.

Como tentativa de promover um pensamento crítico e reflexivo, foi sugerida como didática uma leitura individualizada em voz alta dos parágrafos previamente distribuídos aos alunos e, logo após, foi sugerida uma escrita fluxa, também individual, que é parte das impressões pessoais sobre o que ressoava em sensações nos corpos, a partir das interpretações pessoais, assim “gerar este estado de prontidão a partir da escuta é disponibilizar o corpo para que ele não se isole” (Bastos, 2020, p.10).

Atualizando e contextualizando, ao abordarmos singularidades nessas formas de vida em rede, sobretudo, nas experiências artísticas no qual estamos inseridos e somos uma rede interativa e multiplicadora, considerando um *estado de criação* (Greiner, 2017), foi preciso lembrar também que a dinâmica da emergência e do desaparecimento faz parte desse mesmo ambiente, compondo com isso subjetividades (que se constituem a partir de uma ação de vínculos e de organização entre pessoas).

Cientes que vemos a realidade de acordo com nossa cultura, surgiu uma questão durante esse percurso: *Os corpos no espaço atual ainda podem ser/estar afetados por que tipo de ações?* Cabe refletir sobre o que significa ser *mídia de si mesmo* no mundo digital hoje. Como propõem Katz e Greiner (2005), o corpo se constitui na sua relação com o ambiente e cada tipo de aprendizado traz ao corpo uma rede particular de conexões, de subtrações, lutas, relações excludentes e na capacidade de se reorganizar via contexto específico, nesse momento em estado de total apreensão. Nesse caminho, compartilhar pensamentos, respeitar as diferenças e aliar conhecimento e prudência na sua constituição se formam enquanto fundamentos insurgentes diante do que podemos colocar no mundo.

Como *Corposmídia* em rede, os discursos diários seguem em atualização do/no corpo. Nesse período, produzimos ações em dança com aulas e improvisações temáticas a partir das articulações que foram sendo sugeridas durante todo o processo didático do semestre, que se caracterizou pela expansão de impressões e na produção de pensamentos que se fazem corpo. Voltamos a repetir a importância de uma escuta/visão coletiva, tentando reconhecer que tipo de pensamento estava sendo discutido e como poderíamos colaborar coletivamente, para isso, em vários momentos, voltávamos a pedir que eles abrissem as câmeras.

Ao adentrarmos nesse momento, e se olharmos esse registro, vemos o quanto estamos sendo bombardeados com informações desencontradas, cada vez que lemos, ouvimos ou fazemos uma

postagem sobre algo. Esse corpo que dança nas telas, e que o faz por conta desse atual estado, encontra-se em transformação e transformando o ambiente, em fluxo de trocas. Uma troca que opera disseminando conhecimentos que o constituem, assim entende-se o quanto as imagens, falas e ações apresentadas e compartilhadas se fazem corpo numa ação colaborativa nas redes digitais.

Ainda na perspectiva de pesquisar a alteridade na arte aliada à insurgência e à escuta (Bastos, 2020), pensando dança enquanto sistema vivo, em trânsito contínuo de trocas com o ambiente, sendo corpo que nunca é, porque está sempre sendo, um momento recortado em fluxo, entende-se: mundo é movimento, dessa forma capaz de transformar e de ser transformado, enquanto *mídia de si mesma*.

Para refletir essas materialidades e as condições comunicacionais, sociais e políticas produzidas no momento que atravessamos uma crise sanitária, apresentamos as montagens, ou desembocaduras artísticas, mostradas no final do semestre. Os encontros nesse período aconteceram semanalmente e, a partir disso, foram criados, além das outras ações, o videoimagem SEME(AM)ar e a videoperformance CORPARTilhar. Essas materializações, que se fizeram corpo nesse processo, foram importantes naquele momento de dúvidas, incertezas e luta pela manutenção da vida, servindo de provocações para essas criações. Esses projetos foram desenvolvidos a partir de um pensamento que pudesse emergir danças como aspectos sensíveis a cada corpo que estivesse presente/ausente nas telas.

Como se vê, olhar o outro com alteridade parece estar distante dos atuais usuários dos ambientes *online* e se torna paradigmático entender o quanto em um espaço aparentemente democrático e povoado de pessoas, essas se fazem vigias do corpo alheio ao se atualizarem constantemente em relação a tudo e todos, fomentando oposições e desencadeando comportamentos hostis. Foi pensando nisso e no distanciamento, que nos aproximamos das questões referentes à arte, vida, natureza, ao cotidiano nas casas, aos povos indígenas, às mortes pelo COVID-19, feminicídios, ao racismo, discursos fakes e dos tantos casos que convivemos diariamente, que emergiu esse processo.

Nessa teia de acontecimentos, foi criada a mostra artística em tempo real chamada “*Tessituras em Espirais*”. O título foi escolhido por lembrar o quanto corpos somos espiralados, em colaboração com estudantes do Curso de Licenciatura em Dança e Teatro da UESB, aproximando à uma *Ecologia de Corpo* (Albuquerque, 2016). Esse conceito também foi desenvolvido a partir da Teoria *Corpomídia*, pois nos permite olhar o corpo nos diferentes espaços e contextos, longe de categorizações, dualismos e fronteiras geográficas. O título nos remete aos movimentos de alguns corpos celestes, na fumaça que surge de uma xícara quente de café, na formação muscular dos corpos humanos, na dupla hélice do DNA, nas impressões digitais e, porque não lembrar, nas estratégias de locomoção espacial como formas de sobrevivência.

A videoperformance CORPARTilhar e o videoimagem SEME(AM)ar se situam nesses atravessamentos que se tornam corpo, na possibilidade de ser outros, um *outrar*, que convoca todos a ouvir silêncios, respiros, a natureza e sentir seus cheiros, os ruídos, o sabor, o toque e o habitável que existe ao nosso redor. Em tempos de muitas mortes e notícias ruins, tornaram-se urgente estar ligado

sensorial e afetivamente mesmo nas telas, um *deslocar para permanecer*, assim, as imagens foram sendo tecidas a partir de cada parte dos *Corposmídia* em movimento. Um caminho no qual somos partes responsáveis em mantermos vivos na nossa terra e nele poderemos habitar (Krenak, 2020).

A pergunta que nos atravessou durante toda a pesquisa foi a seguinte: *O que podemos aprender diante do caos que se instaura no atual momento de crise? O que é possível fazer para não ficarmos prisioneiros de um espaço que insiste em nos capturar com tanta polarização?* Buscamos materializar o constante uso das telas e que de algum modo é reproduzido nas formas de vida *corpando-se*³ em imagens e sensações.

Sendo o corpo um ‘estar sendo’, a sua natureza passa a ser a de um verbo – no caso, um verbo sempre ‘se gerundiando’, pois nunca sai desse estado contínuo de precisar ficar se fazendo corpo a todo instante, uma vez que a cada instante encontra com informações. Foi esta compreensão e o desejo de não pertencer a lugares já ocupados que levou ao ‘corpar’ para nomear o que se passa. O corpo está sempre se corpando porque as informações viram corpo. Em sendo assim, corpo também passa a ser verbo (Katz, 2021, p.29)

Sem encontrar respostas e buscando referências diversas, focamos nossos processos narrando o dia a dia com fragmentos autobiográficos, filmando nossas casas, acolhendo os colegas e suas dúvidas, principalmente os escutando, para movermos nos espaços que existem como potência em relação a sermos capaz de dançarmos para *suspender o céu* e nos mantermos em contato com a terra, cheios de esperança e saúde.

Na perspectiva de um projeto que contempla o tripé institucional, tendo a arte como lugar principal de um processo em coletivo, lembramos que alguns autores vêm escrevendo sobre a força de um processo compartilhado. Inclusive pudemos perceber que durante nosso processo, um semestre acadêmico, os encontros em coletivo pareceram ampliar os processos perceptivos de cada um, individualmente, tornando mais significativos as discussões socializadas, inclusive acontecendo um reconhecimento de si e de outros, que a partir desses “outros” que ao interseccionaram, geram modos de se organizar, respeitar e delegar funções de acordo com cada narrativa individual em suas singularidades.

Considerações Finais

Observamos o quanto perspectivas de interlocução: - alteridade e insurgência, alteridade e escuta - podem influenciar, modificar e avançar, ao mesmo tempo desafiar e permitir olhar diversas realidades, reconhecer valores, gestos e caminhos percorridos com os discentes nos seus espaços de atuação. Um reconhecimento também a uma práxis artístico-pedagógica que nos faz repensar diariamente os modos de aprender, ensinar, dialogar com contextos variados e nos tornar sujeitos das ações sem nos tornar uma massa homogênea.

³ Helena Katz, começou a usar a palavra ‘corpar’ em disciplinas dadas no Programa em Comunicação e Semiótica, na PUC-SP, a partir de 2011, na tentativa de dizer melhor o que vinha ocorrendo na relação corpo-telas.

O processo contemplou uma relação vivificada nas experiências pessoais, em condição relacional e mútua, levando em consideração que não existe neutralidade nas práticas de conhecimento e aprendizagem. Enfatizo como essa ação se fez a partir de um sistema de trocas, corpo/contexto/ambiente, renovando-se constantemente entre os que participaram, relativizando, assim, o que recebemos como referência diariamente e que acabam nos capturando e provocando uma perda da sensibilidade devido ao excesso de postagens. Tudo isso ratifica e propõe pensar processos de pesquisa em artes cênicas a partir da *Ecologia do Corpo* (Albuquerque, 2016), que convoca saberes, relações e convergências múltiplas entre arte, natureza e cultura enfatizando a característica não abissal entre corpos e conhecimentos.

Novamente, voltamos a pensar o quanto o estado espectral de cegueira que nos contamina impregna a capacidade de percebermos as consequências do que está sendo exposto aos avanços do mundo e como podem intensificar um mecanismo de despolitização do sujeito, impedindo a instauração do perfil crítico, reflexivo e insubmisso. Enfim, compactuamos que no ato de dançar possamos abrir outros caminhos, ativando-nos e reposicionando-nos ética e esteticamente enquanto atores envolvidos nas lógicas necropolíticas de vida e morte.

Percebi nesse percurso afetivo de fazeres, relações, mutualidades, reciprocidades - sempre no plural, um “nós” sendo conectado ao mesmo tempo e uma ampliação a escuta de si e do outro e uma pausa para propor ativações de sentidos no corpo. Essas ocorrências implicam-se na continuação atenta aos hábitos cognitivos, afirmando lugares possíveis de amorosidade e aprendizado recíproco. Essa ação enquanto *mídia de si mesma* nos faz ser o que somos, a partir do espaço que buscamos construir junto e do prazer de fazer bem. De fato, indissociável a relação entre os aspectos afetivos, políticos e sociais de mundo.

Sonhei que voava. plantei a ideia.

Chamei uma amiga, corremos, gritamos, pulamos. encontro

Procuramos o lugar mais alto da escola. partilha

Achamos o telhado, balançamos os braços, forte, bem forte, MAIS FORTE.

FORTÍSSIMO, e voamos,

Acreditamos Um voo rasante, que voamos JUNTAS,

Ousadia, brincadeira, simpatia, desejo, vontade

Depois desse dia não a vi mais, mas carrego o sonho de voltar a voar

novamente.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Iara Cerqueira Linhares de. **Deslocar para permanecer:** implicações políticas das redes digitais nos processos criativos colaborativos. 2016. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) - Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC, São Paulo, 2016.
- BASTOS, Helena. Corpo sem vontade imerso em coisas vivas. **Revista Rascunhos:** Caminhos da Pesquisa em Artes Cênicas, [s. l.], v. 7, n. 2, p. 5-22, 2020. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/rascunhos/article/view/55694> .Acesso em 02 fev.2024.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** São Paulo: Loyola, 2008.
- GREINER, Christine. Em busca de uma metodologia para analisar a alteridade na Arte. **Conceição/Conception**, v. 6, 2, p. 10–21, 2017. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conce/article/view/8648519> Acesso em 07 fev. 2024.
- GREINER, Christine. **O corpo:** pistas para estudos interdisciplinares. São Paulo: Annablume, 2005.
- HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica:** o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Belo Horizonte: Editora ÂYINÉ, 2020.
- LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- KATZ, Helena. Corpar. Porque corpo também é verbo. *In:* BASTOS, Helena (org.) **Coisas vivas. Fluxos que informam** [recurso eletrônico]. São Paulo: ECA-USP, 2021.
- KATZ, Helena; GREINER, Christine. Por uma teoria do Corpomídia. *In:* GREINER, Christine. **O corpo:** pistas para estudos indisciplinados. São Paulo: Annablume, 2005.
- KRENAK, Ailton. **A vida não é útil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- MBEMBE, Achille. **Necropolítica.** Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: N-1 edições, 2018.
- RANCIÈRE, Jaques. **A partilha do sensível:** estética e política. São Paulo: EXO experimental org., Ed.34, 2005.

Recebido em: 24 de maio de 2024.
Aprovado em: 04 de novembro de 2024.